

**“Ei, você aí macho discreto, chega mais, cola aqui, vamos bater um papo reto”:<sup>1</sup> tratando de masculinidades e vivências negras**

**Pedro Barcellos Rodrigues Juliano**

UFOPA

<sup>1</sup> Esta frase se refere a música *Enviadescer* da Cantora Linn da Quebrada, 2017.

## **“Ei, você aí macho discreto, chega mais, cola aqui, vamos bater um papo reto”: tratando de masculinidades e vivências negras.**

### **Resumo:**

O objetivo deste artigo é construir um ensaio sobre o homem negro gay, queer ou que tem conduta contrária a construída, sendo frequentemente pontuada como a de um “homem com H maiúsculo”, trazendo como elemento central da discussão personagens negros icônicos que de alguma forma inscreveram suas existências diante de estruturas que violentaram e buscaram sua anulação na história do Brasil. Estes personagens apresentaram personas que fizeram sobreviver um assunto que por muito tempo foi abafado e localizado subterraneamente por um processo intenso e duradouro de racismo que se articulava fobias sexuais racializadas sobre o corporalidade de homens negros e suas inúmeras interseccionalidades. Discutiremos gênero e sexualidade, pensando masculinidades negras e orientação sexual, entendendo como alguns personagens, em outros momentos históricos resistiram para ter a sua identidade respeitada, fi Iremos articular a nossa discussão com textos produzidos por intelectuais como Deivison Faustino, Geisa Rodrigues e Ari Lima, finalizando com a “bixa preta” e “geração tombamento” em contexto atual.

**Palavras-chave:** masculinidades negras, queer, racismo, gênero

## **“Hey you, straight guy, come on over, let’s have a chat”: dealing with manhood and black experiences.**

### **Abstract:**

*The main goal of this article is to develop an essay on the black gay/queer men who have a different behavior facing the ‘normal’ idea of straight masculinity. The discussion will highlight as main elements, the iconic brazilian black characters who somehow imprinted their own existences in the face of social structures, that violently cancelled their contributions to history. They presented ‘personas’ that kept hidden and under the ground the issue of the intense racism process that crossed black men’s bodies, their sexuality and various intersectionalities. We will be discussing gender and sexuality, taking black manhood and sexual orientation under consideration, in order to understand how some characters at other historical periods resisted to have their identity respected. Scholars, such as Deivison Faustino, Geisa Rodrigues and Ari Lima will be articulating our discussion all the way through ‘bixa preta - black fag’ and the ‘geração tombamento’ in the current context.*

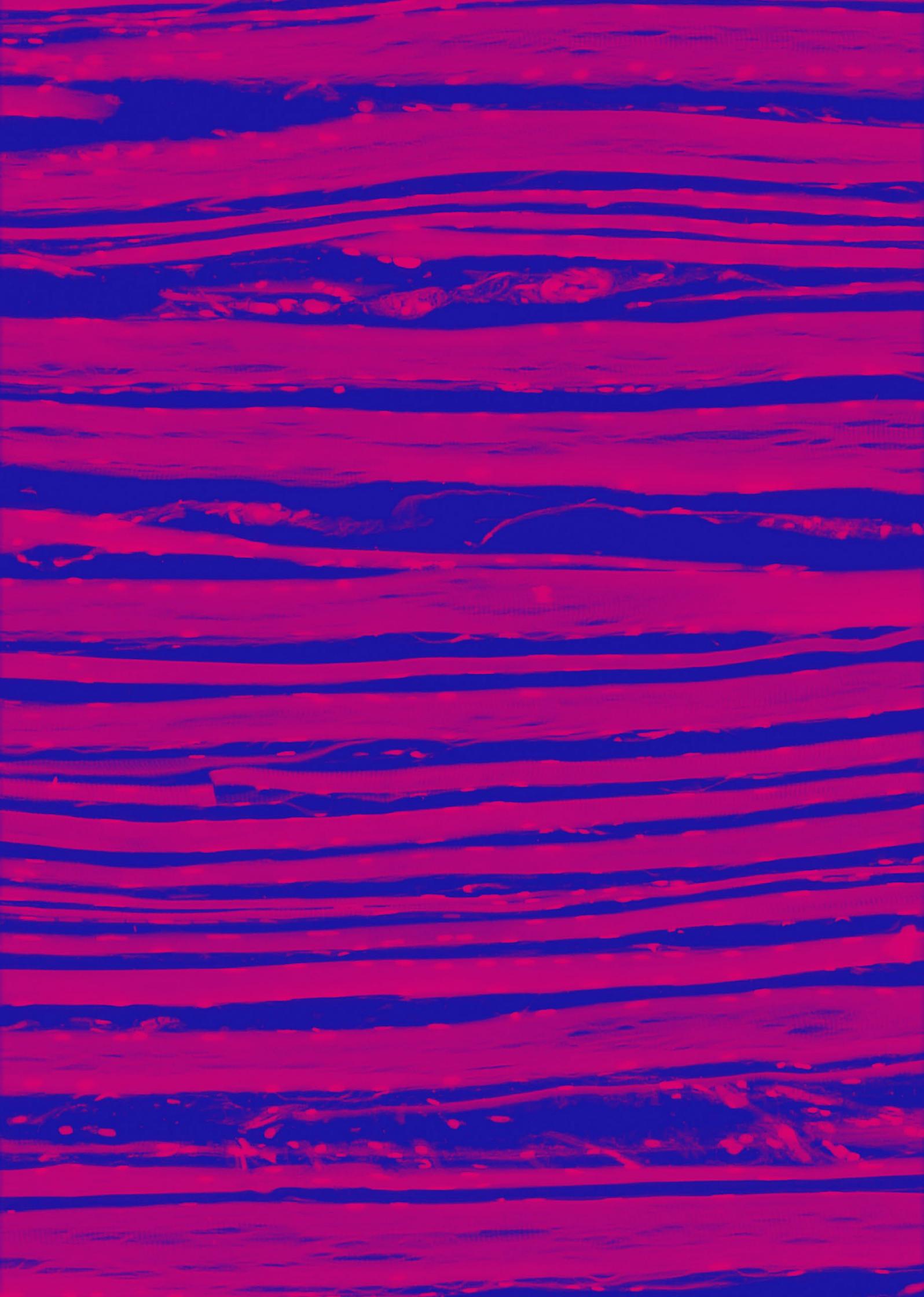
**Keywords:** black masculinities, queer, racism, gender.

## **“Oye, macho discreto, vamos, quédate aquí, hablemos francamente”: tratando con masculinidades y experiencias negras.**

### **Resumen:**

*El propósito de este artículo es construir un ensayo sobre el hombre gay negro, queer o que tenga una conducta contraria a la construida, siendo frecuentemente puntuado como el de un “hombre con una H mayúscula”, trayendo como elemento central en la discusión personajes negros icónicos que de alguna manera registraron su existencia frente a estructuras que violaron y buscaron su anulación en la historia de Brasil. Estos personajes presentaron personas que sobrevivió a un tema que durante mucho tiempo estuvo amortiguado y ubicado bajo tierra por un intenso y duradero proceso de racismo que las fobias sexuales racializadas se articulaban sobre la corporeidad de los hombres negros y sus múltiples interseccionalidades. Hablaremos de género y sexualidad, pensando en las masculinidades negras y orientación sexual, comprender cómo algunos personajes, en otros momentos históricos resistieron para que se respetara su identidad. Lo haremos articular nuestra discusión con textos producidos por intelectuales como Deivison Faustino, Geisa Rodrigues y Ari Lima, terminando con la “bixa negra” y “geração tombamento” en el contexto actual.*

**Palabras clave:** masculinidades negras, queer, racismo, género.



## “Tira a poeira dos porões. Ô, abre alas”... <sup>2</sup>

Durante os quatro séculos de escravidão, criou-se um imaginário sobre a população negra que perdura até hoje. Grada Kilomba traz em seu texto a forma com que o negro era falado e até hoje é visto de forma deturpada. “Ele espera pelo(a) Negro(a) selvagem, pelo(a) Negro(a) bárbaro(a), pelos(as) serviçais Negros(as), pelas Negras prostitutas, putas e cortesãs, pelos Negros(as) criminosos(as), assassinos(as) e traficantes. Ele espera por aquilo que ele não é”. (KILOMBA, 2010: 175).

Após a assinatura da Lei Aurea em 1888 a elite colonial e os escravocratas propagaram amplamente um discurso da mão de obra desqualificada atribuída aos ex-escravos que se tornaram mão-de-obra livre, sobretudo de homens negros, atrelando esse discurso às ideias eugênicas do racismo científico / biológico da época. Por sua vez, a mulher negra por dominar técnicas de trabalho até então não apreendidas pelas mulheres europeias começaram a ser a fonte de renda das famílias negas (como acontece até hoje na maioria dos núcleos familiares).<sup>3</sup> Já os homens negros foram rapidamente excluídos do mercado de trabalho, sendo colocado sobre os seus ombros os estigmas de marginal, vagabundo e violento.

*Este Homem Negro barrado socialmente pelo racismo, impossibilitado de assumir a função de provedor, mais ao mesmo tempo, imerso nos ideais alienados que o colonialismo o reservou (comedor, vagabundo, violento etc.) encontrará dificuldades de corresponder às expectativas de masculinidade também aos olhos da mulher negra (FAUSTINO, 2014, p).*

As discussões acerca da índole do homem negro o perseguem até hoje, mesmo passando mais de 130 anos da “abolição da escravidão” o imaginário popular ainda carrega a imagem da população negra pós abolição como uma população preguiçosa, violenta e moldada socialmente pela malandragem. Nesse contexto conseguimos perceber que desde o período pós abolição o homem negro tem que ultrapassar infinitas barreiras sociais e reverter estereótipos para ter acesso ao mínimo do que se convencionou como dignidade.

É importante ressaltar que o homem negro era no período da escravidão um objeto substituível e fácil de ser repostado, considerado como propriedade do colonizador, após a abolição assume o papel de indesejável, impertinente e a forma com que a distância entre o homem negro e o homem branco se configura, se antes era na forma de coisa X proprietário, agora ela se dá de outra forma “o sujeito Negro torna-se então aquilo a que o sujeito branco não quer ser relacionado. Enquanto o sujeito Negro se transforma em inimigo intrusivo, o branco torna-se a vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se oprimido e o oprimido, o tirano” (KILOMBA, 2010: 174)

O trabalho constitui de duas formas muito distintas o corpo do homem negro, no período do rapto e escravidão transatlântica o dito “trabalho” retirava a dignidade e era uma forma de subalternação do “eu negro”, no segundo momento, pós abolição e pós revolução industrial o trabalho assume a “função” de inserção social. Henrique Restier retoma esse tema, mostrando o quanto o trabalho era fundamental na construção da masculinidade deste homem: “(...) o trabalho é reconhecido como um dos valores fundamentais da masculinidade, um homem sem trabalho tende a sentir que perdeu a sua *hombridade*, e em geral, é visto como um castrado social” (RESTIER, 2017).

<sup>2</sup> Referência ao samba-enredo *História para Ninar Gente Grande* (2019), do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira.

<sup>3</sup> Segundo a pesquisa *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*, feita pelo Ipea, publicada em 2017, 40% dos lares brasileira são chefiados por mulheres Ver: <http://www.ipea.gov.br/retrato/>

(...) O País passara a incentivar desde 1870, a entrada de trabalhadores imigrantes – principalmente europeus – para as lavouras do Sudeste. É um período em que convivem, lado a lado, escravos e assalariados. Os números da entrada de estrangeiros são eloquentes. Segundo o IBGE, entre 1871 e 1880, chegaram ao Brasil 219 mil imigrantes. Na década seguinte, o número salta para 525 mil. E, no último decênio do século XIX, após a abolição, o total soma 1,13 milhões (MARIGONI, 2011).

Com o fim eminente da escravidão, em meados de 1870 o Estado brasileiro passa a adotar medidas de exclusão da população negra, conseguimos identificar qual era o objetivo das políticas segregacionistas adotadas pelo Governo. As medidas adotadas tinham a função de remover a população negra da sociedade de todas as formas possíveis, uma delas foi a “ajuda” dada pelo Estado Brasileiro para a vinda de imigrantes europeus, que desembarcavam aqui para trabalhar no lugar da população negra, antes escravizada, sendo está medida uma política pública.

A vinda de milhares desses imigrantes entre o final do século XIX e o início do século XX não se tratou de suprir uma suposta escassez de mão de obra, nem de uma ilusória incapacidade inata dos trabalhadores pretos e mestiços de desenvolverem atividades intelectualmente sofisticadas, mas sim de “clarear” o povo brasileiro, pois como já dizia o sociólogo Guerreiro Ramos, “O negro é povo, no Brasil” (RAMOS, 1995 apud RESTIER, 2017).

Ações políticas desenvolvidas pelo Estado brasileiro acabaram por se constituir como ações genocidas<sup>4</sup> contra a população negro, articulando inúmeras formas de extermínio de pessoas com uma característica em comum, a cor da pele. Outra forma adotada pelo Estado brasileiro é categorizada hoje como “epistemicídio”,<sup>5</sup> que compreende em formas de matar e não valorizar o conhecimento de um povo específico. Esta operação pode ser percebida na forma como se faz prevalecer a cultura e o *modus operandi* do saber e, das técnicas-científicas europeias. Este processo esteve presente na maneira como o status social do imigrante europeu e principalmente do homem branco europeu se tornou um modo de vida a ser alcançada e seguido, enquanto o conhecimento e o modo de vida da população negra são banalizados e menosprezados.

O ataque aos saberes culturais e profissionais desses homens tinha a intenção de resguardar os privilégios simbólicos e materiais do imigrante europeu. Desse modo, a precarização socioeconômica e o “disciplinamento” dos corpos dos homens negros foram (e são) parte fundamental da estratégia, utilizando-se para isso, todo o aparato institucional disponível (RESTIER, 2017).

Ainda pensando o disciplinamento dos corpos dos homens negros chegamos a um ponto necessário nesta discussão, o que se espera dos homens negros? É neste ponto que nos deparamos com os estereótipos atribuídos aos homens negros. Para muitos, faz parte da constituição da masculinidade deste homem a agressividade, a vadiagem, a ideia de perigoso, sendo impensável em contextos que fogem da animalização.

Discutiremos a seguir alguns personagens históricos que tiveram que lidar com o peso desses estigmas e mentiras. Lutando de diferentes formas, em diferentes momentos e contextos pela sua autonomia e liberdade.

<sup>4</sup> Uso aqui genocídio como empregado por Abdias do Nascimento em “o genocídio do negro brasileiro”, como forma de extermínio programado. Ressaltando que a ONU reconhece como genocídio os massacres que aconteceram na Alemanha Nazista (1933-1945) deixando 1,47 milhões de mortos e em Ruanda (1994) 800 mil mortos.

<sup>5</sup> Conceito cunhado por Sueli Carneiro, em 2005, apresentado em sua tese de doutorado “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser”.

## “Mais respeito pra falar das bixas, conserve seus dentes”<sup>6</sup>

Menos de 50 anos após a abolição da escravidão no território brasileiro nasce um ícone histórico. Na contramão da masculinidade experienciada e propagada pelo e para o homem negro heterossexual, temos na década de 1930 uma personagem que marcou a Lapa (Rio de Janeiro, então Distrito Federal) da época, João Francisco dos Santos, que viria a ser conhecido na cidade pelo nome de Madame Satã. Ele era um homem negro, vivia relações homoafetivas, capoeirista, tido como boêmio e brigão, João tinha inúmeras passagens na polícia carioca. Geisa Rodrigues, professora de comunicação da Universidade Federal Fluminense faz alguns apontamentos um tanto quanto controversos em seu artigo sobre o universo no qual Madame Satã estava inserido

É nesse universo que o malandro vai ganhando contornos: a figura viril e marginal que se ocupa de pequenos golpes e até então vive uma espécie de paralisação no tempo e no espaço da vida urbana e “moderna”. As origens da malandragem remontam à própria abolição da escravatura e à época da proclamação da República (RODRIGUES, 2009).

Percebo na verdade que Satã era entre vários elementos o resultado do processo de exclusão pós-abolicionista, sendo descendente direto de negros escravizados, com o adendo de viver relacionamentos homoafetivos, tendo naquela época muito forte a premissa de não se esconder, mentir ou omitir a sua identidade em sua totalidade. Geisa Rodrigues faz aqui uma análise simplista e desconectada da conjuntura da época e não percebe que ao dizer que “as origens da malandragem remontam à própria abolição” (RODRIGUES, 2009), reforça estigmas e padrões de pensamento sobre homens negros que vem sendo contemporaneamente criticados por ativistas e intelectuais negros. A autora, citando Gilmar Rocha, escreve o seguinte:

Gilmar Rocha, em seu estudo antropológico sobre Madame Satã e a malandragem carioca, observa que nesta época grande parte dos negros ex-escravos julgavam-se homens livres, e, como tal, muitos viam o trabalho como uma ameaça à liberdade, preferindo assumir trabalhos temporários, que frequentemente eram substituídos pelo ócio e pela vadiagem. Vem daí a origem do termo malandro, que se tornou importante elemento simbólico das classes “negroproletárias” marginalizadas (RODRIGUES, 2009).

Rocha e Rodrigues estão fazendo o esforço de atribuir ao negro a responsabilidade pelos próprios sofrimentos sociais causados pelo racismo, sem responsabilizar o sistema político e racial vigente no Brasil como sendo a causa da marginalização que criou e impôs aos homens negros formas perversas de se adequar ao mercado de trabalho. Ao fazer o esforço de pensar na perspectiva histórica, percebemos que as afirmações destes dois autores são anacrônicas na medida em que validam acriticamente um discurso que remonta às ideias e leis eugenistas propagadas e promulgadas nas primeiras décadas do pós-abolição no Brasil. Neste período, a culpabilização dos negros e, em particular, dos homens negros pela própria situação econômica que foram criadas para impactar diretamente a população pós abolição e seus desentendes envolveu a criação de dispositivos normativos como a “Lei da Vadiagem”.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Referência à música *Pra quem duvidou* (2019), Quebrada Queer.

<sup>7</sup> As Leis da Vadiagem (1941) são medidas tomadas pelo governo para criminalizar a ociosidade, sendo possível a prisão por até 3 meses.

Desta forma, percebemos que foi um projeto Estatal a marginalização da população negra. A exclusão social e o racismo fazem parte de uma estratégia muito bem construída para a dissolução do ser negro do território brasileiro. O homem negro é duas vezes mais indesejado, por não quererem que ele ocupasse vagas de trabalho, seja qual fosse essas vagas, e por não querer que ele disputasse mulheres, seja ela branca ou negra com os homens brancos.

*(...) o período posterior à abolição em que o negro passa a ser visto pelas elites racistas como trabalhador indesejável, os homens negros terão ainda mais dificuldades de corresponder aos ideais de masculinidades hegemônicas e sua sina oferecerá aparente comprovação à tese lombrosiana de que é naturalmente vagabundo, degenerado e vadio. (FAUSTINO, 2014, p. 5).*

Geise Rodrigues retoma e naturaliza o pensamento de homem negro perigoso e agressivo, trazendo um essencialismo para a discussão demonstrando como ainda navegamos no raso quando tratamos do período escravagista e pós-abolição, e como é difícil pensar a influência do Estado para a decadência de um grupo. Diferentemente de Geise Rodrigues, Ari Lima consegue fazer uma ótima síntese, e descreve Madame Satã de forma a acolher os vários pormenores que fazem parte da sua construção, seus estigmas, e os padrões atribuídos a ele.

*De fato, a pessoa de João Francisco dos Santos é um analfabeto, sem profissão definida, vigiado pela polícia, negro, homossexual, sem pai, sem mãe, irmãos, esposa ou filhos, generoso e cruel. Entretanto, é esta realidade e experiência social renegada que informa este original artista da performance que sabia dançar, cantar, recitar histórias e “tirar onda” de malandro. (LIMA, 2015, p. 103).*

Extremamente artístico, João encontrou na arte uma potente forma de expressar a sua sexualidade em um momento em que ser homem negro não bem visto pela sociedade, ser homossexual só era uma forma de decair socialmente na hierarquia social. Sua devoção por Josephine Baker<sup>8</sup> era tão grande que dizem que seu falo tinha o nome de “Josefa”. Josephine foi uma influência fortíssima na década de 1930, segunda Ari, Baker em plena Europa, em Paris “exacerbou a imagem caricatural do homem negro, a reiteração do seu primitivismo e, paradoxalmente, uma nova aspiração de modernidade advinda de uma certa liberação sexual da mulher, de um espontaneísmo e ruptura aos valores morais burgueses” (LIMA, 2015, p. 103). Ele continua:

*João Francisco dos Santos encontrou na mise en scène da ambígua Josephine Baker um modelo de expressão social e artístico e de liberação das amarras do ideal de masculinidade que suportava no corpo de homem negro. Um tanto quanto homem, um tanto quanto mulher, homem valente, viril, duro, mas também feminino, sensual e “pederasta passivo”. Exímio capoeirista, desaforado e agressivo, mas também bom amante, sedutor na atitude e no gesto diante da ausência ou na impossibilidade de fazer-se ouvir ou ser entendido através das palavras. Onde se esperava a mulher em João Francisco, se manifestava o homem, onde se reconhecia o homem, se apresentava a mulher, onde se esboçava o anjo, se revelava Madame Satã. (LIMA, 2015, p. 103).*

Madame Satã lutou com grade afincado pelo direito de viver, e ser o que era, em um momento histórico no qual a vivência da homo afetividade e as relações homoeróticas eram juridicamente tipificados como crimes, socialmente condenados em meio a uma sociedade com resquícios escravocratas, que articulava formas de embranquecer a pele e controlar o pensamento das pessoas. Em uma entrevista questionado sobre a sua agressividade, Madame Satã diz:

<sup>8</sup> Foi uma cantora e dançarina negra estadunidense, radicada na França, conhecida popularmente como Vênus Negra.

Mas o que devia fazer? Tornar-me um covarde só para satisfazer as pessoas deles? Deixar que fizessem comigo o que faziam com as outras bichas que viviam apanhando e eram presas todas as semanas, só porque os policiais achavam que as bichas deviam apanhar e fazer a limpeza de todos os distritos? E de graça. Não, eu não podia me conformar com a situação vexatória que era aquela. Eu achava que ser bicha era uma coisa que não tinha nada demais. Eu era porque queria, mas não deixava de ser homem por causa disso (SANTOS, apud OLIVERA, 2017, p. 5).

Madame Satã nos entrega com a sua história uma potente forma de questionar a masculinidade imposta e presente socialmente. Ao mesmo tempo que em domina a arte da capoeira e da defesa pessoal a nossa personagem é adepta da música e da dança, vive relações homoafetivas, quebrando o padrão de masculinidade hegemônica presente e disseminado até hoje.

### **“Além de bela e perigosa, não deve nada a ninguém”<sup>9</sup>**

Jorge Luiz de Sousa Lima, conhecido popularmente como Jorge Lafond, nasceu no Rio de Janeiro em meados de 1950, foi ator, dançarino e comediante, seu papel mais conhecido foi a irreverente Vera Verão

Nos anos 1990 e 2000 o Brasil todo conhecia Jorge Lafond por conta do seu personagem Vera Verão. Eu demorei para compreender a complexidade que existe em Vera Verão. Jorge Lafond dava vida a uma personagem que era extremamente humorístico. Eu, uma criança que não conhecia o próprio corpo e sentimento acreditava que aceitar ser homossexual e negro era como se tornar a Vera Verão. Sempre foi bem contraditório, a figura de Vera Verão me intrigava, entretanto, para muitas crianças da minha idade e do meu convívio Vera Verão era um xingamento, uma ofensa. Ninguém queria ser Vera Verão, ninguém queria ser comparado com Vera Verão. Neste contexto, ser Vera Verão era abrir mão da heteromasculinidade, algo que já era ensinado para aquelas crianças como sagrado e divino. Foi neste ponto que me deparei a primeira vez com um estigma corrente para homossexuais negros, “além de preto é viado”.

O homossexual representado na televisão brasileira seguia um padrão, ele sempre era representado de forma caricata, assim como o negro, cheios de estereótipos, carregados de trejeitos e preconceitos. Vários fatores colaboraram para isso: o estigma pós-abolição ainda presente, a epidemia de HIV conhecida como “câncer gay”, a falta de roteiristas conhecedores do tema e a venda “bem-sucedida” destes estereótipos para o público consumidor de entretenimento.

Dessa forma, os personagens representados eram apresentados como “chacota” humorística, uma forma que permitia às pessoas assumidamente homossexuais conseguirem espaços nos meios de comunicação, o que, ao mesmo tempo, demanda-lhes seguir à risca um padrão de conduta que envolvia diretamente a sua masculinidade. Jorge Lafond, assim como Lacreia, tiveram uma posição pioneiras no final do século XX e início do século XXI, foi o começo, pelo menos na televisão, da visualização da Bixa Preta, foi através de personagens como elas que a Geração Tombamento, nascida entre 1990 e 2000 começou a ver a bixa preta e posteriormente pensar e exercer uma nova forma de masculinidade, mais fluida e menos pautada na agressividade e virilidade, tentando deixar de lado estigmas que sempre foram tão caros a esta população.

<sup>9</sup> Referência a música *Necomancia* (2017), de Linn da Quebrada e Gloria Groove.

## “Ei, você aí macho discreto”

Vera Verão foi um dos personagens mais marcantes da tv brasileira, Lafond interpretava uma Drag Queen que tinha dois bordões marcantes, “EPA BIXA NÃO!!”, sempre usado em algum momento que outro personagem do programa a chamavam de bixa.<sup>10</sup> O outro bordão era “Eu sou uma quase mulher” mudando frequentemente o final, retirando “mulher” e adicionando no lugar o nome de alguma mulher conhecida do público.

Jorge Lafond estava levando para grande parte dos lares brasileiros um personagem Drag Queen, foi tanto sucesso que extrapolou o programa *A Praça é Nossa* e chegou a ser convidada para participar de outros programas de televisão, como Domingo Legal, apresentado por Gugu Liberato que em muitas ocasiões levou a personagem Vera Verão para fazer entrevistas e participar de quadros humorísticos.<sup>11</sup>

Jorge Lafond estava sendo pioneiro em uma discussão que infelizmente ele não conseguiria ver o seu desdobramento. A bixa preta afeminada na televisão. O homem negro sempre resistiu as estruturas racistas presentes no Brasil, Lafond conseguiu ocupar um espaço que o negro pouco conseguia transitar no final na década de 1990. Atualmente são frequentes as homenagens feitas de bixas pretas para Lafond e escutar como ele foi fonte de inspiração para uma geração que nos últimos 20 anos vem fazendo uma verdadeira revolução.

Os marcadores sociais estão bem explícitos, nas sociedades ocidentais pós escravidão o imaginário nos leva a um lugar comum, a “noção fixa de um masculino, pensada geralmente a partir do clássico referencial ocidental (branco, heterossexual, de classe média, cristão, urbano, etc...)” (FAUSTINO, 2014). E é nessa construção de homem ocidental que o homem negro é marginalizado, excluído e caluniado, é atribuído a ele características e atitudes que o distancia da ideia de humanidade e o aproxima da ideia de animalidade, o enredo do homem ocidental é construído para não funcionar quando pensamos homens negros.

Neste esquema colonial em que o Homem Branco é tomado narcisisticamente como referencial universal de Homem, o Negro (o Criado Supermasculino) quando aparece, é representado como contraponto antitético a este referencial. É animalizado em contraponto à civilidade branca: instintivo, emotivo, ameaçador, tal como um King Kong descontrolado, tão grande, tão negro, tão bruto, com suas mãos rústicas e seus exacerbados instintos libidinais em sufixação desenfreada pela mocinha (Ultrafeminina) de tez claramente virginal e corpo frágil (FAUSTIN, 2014, p. 5).

Jorge Lafond corre na direção contrária ao dar vida a Vera Verão, acredito que a maior contribuição de Lafond foi mostrar para uma juventude de garotos negros que eles podem se expressar e viver como se sentirem mais à vontade.

## “Já que é pra tombar... Tombei!”<sup>12</sup>

Em meados dos anos 1985 até a década de 2000 estava nascendo a massa da chamada Geração Tombamento, ou a Geração Lacração, está geração de pessoas pretas, entre elas as bixas pretas é a responsável por assumir uma postura queer, questionando as estruturas vigentes, os estigmas com que os negros são vistos, a relação dos corpos pretos como abjetos

<sup>10</sup> É necessário lembrar que nos anos 2000, “bixa” era um xingamento. A palavra vem sendo ressignificada pela comunidade LGBTQI+ a alguns anos como forma de se apoderar e reconstruir o seu significado.

<sup>11</sup> Cf. [https://youtu.be/Cyj\\_lcapNtY](https://youtu.be/Cyj_lcapNtY), para ver Vera Verão fazendo reportagem na praia para o programa de televisão Domingo Legal.

<sup>12</sup> Referência a música *Tombei* (2014), de Karol Conká.

nas relações cotidianas e objetificados nas relações sexuais, sendo os homens negros frequentemente pensados como o pulsar da virilidade. A estética é o principal elemento do movimento do tombamento. Os elementos corporais são totalmente pensados, desde os cabelos coloridos, trançados, poderosos black power, tranças nagô, dreads ou raspados, até as roupas em tons vibrantes, usam a internet como ferramenta política. É através de novas formas de experienciar os espaços, saindo da lógica segregadora e racista e entrando na lógica de espaços enquanto lugar de empoderamento mútuo.

De modo geral a virilidade é vista como o elemento central do homem negro, seja heterossexual, seja gay ou queer; é através dela que as pessoas enxergam o homem negro, fazendo que a virilidade seja um elemento fundante da construção do homem negro, atribuindo a ela um valor maior do que o dado para a vida do homem negro. Deivison Faustino afirma que "(...) dificilmente, quando queremos eleger atributos positivos aos negros ou as aos africanos, conseguimos ultrapassar essas prerrogativas racializadas criadas pela sociedade colonial" (FAUSTINO, 2014: 06), de modo que a virilidade aparece e permanece como "o maior atributo" do homem negro, tendo frequentemente a sua identidade ocultada e sendo pensado apenas como o "negão", o indivíduo é pensando através de atributos físicos e sexuais, remetendo as ideias construídas acerca do homem negro escravizado do período colonial. Ribeiro explica como este pensamento ainda reflete na construção do homem negro em pleno século XXI.

**truculência, hipersexualização e antiintelectualismo obscurantista tem sido apontado como comportamentos socialmente autorizados impressos em um modelo de homem negro agressivo, materialista e incapaz que é divulgado na sociedade em geral como um modelo comum legítimo e naturalizado (CARDOSO, RIBEIRO. 2017: 85 - 86).**

A geração tombamento rompe com essa lógica e demonstra que existem outras formas de ser sem querer ser um espelho da masculinidade branca hegemônica, pois para o homem branco o homem negro "é ameaça ao homem branco por seu apetite sexual insaciável e pela sua diabólica sensualidade, irresistível para a mulher branca, este mito do homem negro hipersexualizado é veiculado exaustivamente pela TV" (SOUZA, 2009: 6). As pessoas negras presentes na Geração Tombamento se apoderaram de uma estrutura fluida de gênero, transitando entre as diferentes formas e performando uma nova vivência, ultrapassando o binarismo dos corpos e das atitudes.

No sentido de ressignificar atitudes e práticas palavras são ressignificadas, algumas recebem o valor de verbo, como "divar" e "arrasar", outras recebem novos valores semânticos, como "fechar" e "lacrar". Outra palavra muito usada e "Afrontamento", derivada da palavra enfrentamento com a mudança do sufixo "enfre" para "afro".

Outro ponto que merece destaque aqui é a forma como os novos artistas usam as suas produções para denunciar. Denunciando a forma com que o homem negro é visto, como faz o Rapper Baco Exu do Blues, em sua música BB King contando sobre essas vivências negras, demonstrando a complexidade que existe em ser negro.

*Nunca fomos uma reprodução automática  
Da imagem submissa que foi criada por eles  
Foda-se a imagem que vocês criaram  
Não sou legível, não sou entendível  
Sou meu próprio Deus, meu próprio santo, meu próprio poeta  
Me olhe como uma tela preta, de um único pintor*

*Só eu posso fazer minha arte  
Só eu posso me descrever  
Vocês não têm esse direito  
Não sou obrigado a ser o que vocês esperam*

Baco Exu do Blues, 2018

Ao mesmo tempo que a música aqui serve para cantar e exaltar uma forma própria de ser negro, ela também serve para denunciar o modo como o Estado atinge a população negra, em sua maioria, neste contexto de extermínio, jovens negros, que são vistos como ameaças ao Estado, dando continuidade a uma política de extermínio, que existe desde a colonização. De algum modo, o estado de necropolítica<sup>13</sup> vivido atualmente, marcado por uma ação estatal antinegitude, na qual o Estado está por trás de grande parte das mortes da população negra, agindo pelas mãos dos policiais, sendo vivenciado no Brasil uma epidemia de morte. “No século 21, a cada 23 minutos morre um jovem negro<sup>14</sup> / E você é negro que nem eu, pretinho, ó / Não ficaria preocupado?” (DJONGA, 2018). A forma como lidamos com a violência hoje é um reflexo do passado, e não podemos negar que este fato atinge as diferentes formas de exercer as masculinidades negras, seja por meio da violência, do afeto ou de outras formas que confirmam ou contradizem a ideia geral de masculinidades negras.

## Referências

- AMANCIO, I., PARADIS, C., REA, C. (Org). **Traduzindo África Queer**. Simões Filho: Editora Devires, 2018
- BLUES, B, E. **BB King**. São Paulo: Selo EAEO Records, 2018.
- CARDOSO, M., RIBEIRO, A. Homem negro, negro homem: masculinidades e feminismos em debate. **Estudos Feministas**, v. 25, n. 1, p. 73-97, 2017.
- CHOICE, DK, DJONGA, DRUM, A., LORD, LI, N., PRAGA. Favela Vive 3. Rio de Janeiro. GB LAB. YouTube, **Além da Loucura ADL**, 2018. Disponível na Internet via: <https://www.youtube.com/watch?v=avbOUVHr0QI>. Acesso em 5 fev. 2021.
- DOMINGUES, P. A. “Vênus negra”: Josephine Baker e a modernidade afro-atlântica. **Estudos Históricos**, v. 23, n. 45, p. 95-124, 2010.
- EMICIDA, MAJUR, VITTAR, P. Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablllo Vittar. YouTube, **Emicida**, 2019. Disponível na Internet via: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>. Acesso em 30 ago. 2019.

<sup>13</sup> Conceito elaborado por Achille Mbembe, diz respeito ao poder de decidir quem deve viver e quem deve morrer, desproverendo os sujeitos do seu *status* político.

<sup>14</sup> Dados da ONU e Atlas da Violência - Campanha Vidas Negras. “A cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado no Brasil. São 63 mortes por dia, que totalizam 23 mil vidas negras perdidas pela violência lateral por ano conforme destacado pela campanha Vidas Negras, lançada pelas Nações Unidas no país em novembro de 2017” ONU Mulheres – <http://www.onumulheres.org.br/noticias/23-mil-jovens-negros-assassinados-por-ano-e-um-es-cadalo-diz-nadine-gasman-representante-da-onu-mulher/>.

- FAUSTINO, D. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, E. A. **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, p. 75 -104.
- KILOMBA, G. A máscara. **Caderno de Literatura em Tradução**, n. 16, p. 171-180, 2014.
- LIMA, A. Da vida rasgada: imagens e representações sobre o negro no filme Madame Satã. Palhoça: **Crítica Cultural**. 2015: 97-108.
- MARINGONI, G. O destino dos negros pós a Abolição. **Desafios do desenvolvimento**, v. 8 , n., 70, 2011.
- OLIVEIRA, M. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- RESTIER, H. O homem negro no pós-abolição: masculinidade sob ataque. **Justificando**, 25 set. 2017.
- RIBEIRO, A.; FAUSTINO, D. Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. **Revista TransVersos**, n. 10, p. 163-182, 2017.
- RODRIGUES, G. Madame satã: a voz do corpo negro. **Revista Universitária do Audiovisual**, 15 mar. 2009.
- SILVA, R. Trauma Cultural e sofrimento social: Do banzo às consequências psíquicas do racismo para o negro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29. **Anais...** Brasília, 2017.
- WALTER, R. Violência e trauma: mapas do corpo negro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ABRALIC, 12. **Anais...** Curitiba, 2011.

